



Eixo Temático: 2 - Releitura dos teóricos da educação

CONHECIMENTO E APRENDIZAGEM: REFLEXÕES ACERCA DO EXERCÍCIO DOCENTE POR MEIO DA LINGUAGEM

Marsoé Cristina Dahlke¹

Jordana Perkoski Dumke²

Introdução

A espécie humana se diferencia das demais espécies animais pela sua capacidade de transcender o previamente estabelecido em sua constituição biológica. Integramos uma espécie inacabada, que necessita ser educada e educar-se na medida em que produz cultura. Segundo a ideia kantiana “nos tornamos humanos por meio da educação”.

O presente trabalho surge por meio dos estudos e discussões desenvolvidos na disciplina “Docência no Ensino Superior” do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), sob a orientação do Professor Doutor José Pedro Boufleuer no segundo semestre de 2020.

Tem como objetivo refletir filosoficamente acerca da linguagem como constituinte da condição humana e seu papel no exercício docente e na configuração do conhecimento e da aprendizagem. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica a partir de estudiosos e teóricos como Arendt (2002), Boufleuer (1991, 2019), Gadamer (2000, 2015) e Habermas (1990).

Resultados e discussão

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Mestre em Modelagem Matemática pela UNIJUÍ. Pós-graduada em Matemática pela Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral (FCLPAA) e em Matemática Aperfeiçoamento pelo Centro Universitário Franciscano (UFN). Graduada em Ciências e Matemática pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Atualmente é docente Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Ibirubá. E-mail: marsoe.dahlke@sou.unijui.edu.br.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Graduada em Pedagogia pela UNIJUÍ. E-mail: jordanadumke@gmail.com.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Enquanto humanos nos diferenciamos das demais espécies animais sob vários aspectos. Por exemplo, ao nascer os animais irracionais precisam primordialmente de cuidado, pois seu instinto os orienta durante toda sua vida e em um curto espaço de tempo tornam-se seres autônomos e independentes, adaptando-se a seu habitat natural. Já nós, humanos, além do cuidado também necessitamos de afeto e proteção, o que só é possível na relação com outros humanos que “ao chegarem no mundo” também contaram com aqueles que os antecederam.

Bouffleuer (2019) conota a espécie humana como aquela que “saiu da verga”, ou seja, que rompe com a esfera puramente instintiva para autocriar-se. Isso nos caracteriza como uma espécie inacabada, que não possui um destino traçado e que necessita refazer-se continuamente por meio das relações e da comunicação, pressupostos à constituição do chamado “mundo humano”.

Isso que constitui o modo humano de ser e interagir se articula com uma perspectiva filosófica que entende que o “jogo da vida humana” se instaurou e se define fundamentalmente no âmbito da linguagem, podendo esta ser tomada como acontecimento humano primeiro, fundante de tudo o que possa ser considerado humano. Assim, é a linguagem ou, de modo mais amplo, o simbólico que permitiu ao humano transcender o comportamento reflexo, automático, instintivo, natural. (BOUFLEUER, 2019, p. 296).

Enquanto humanos, ao nascermos somos inseridos em uma sociedade e passamos a ser tocados e a tocar sua cultura, ou seja, o ser humano é produto e produtor de cultura. Como destaca Bouffleuer (2019), não precisamos começar da “estaca zero”, pois o convívio entre gerações é o que possibilita a sucessão e propagação da espécie.

O contato intergeracional gera um certo tensionamento entre a tradição presente no educar das gerações anteriores e o dinamismo presente no tempo e espaço em que se encontram as novas gerações. É necessário que o conhecimento seja concebido de modo a ser ressignificado, movimento este que garante sua atualização e aprimoramento, garantindo que a educação não se constitua na simples transmissão de saberes. Em suma, aqueles envolvidos com a tarefa educativa tornam-se humanos por meio de suas próprias experiências e a forma como as significam.

Esta aprendizagem com as gerações anteriores só é possível por meio da linguagem, capacidade desenvolvida apenas pela espécie humana, a qual não pode ser concebida como um instrumento necessário ao convívio humano, pois ela emerge da relação humana e dá



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

origem ao pensamento. Logo, o contato intergeracional é primordial à formação humana e à educação.

Em perspectiva hermenêutica, a linguagem possui um caráter aberto no que tange à interpretação, o que possibilita ao intérprete transcender seu horizonte interpretativo e o reconhecimento de tal limite é o primeiro passo para transcendê-lo. Podemos compreender que a linguagem é criadora de um horizonte que não pode ser objetivado e possui interpretações ilimitadas. Assim, a hermenêutica busca superar a relação sujeito-objeto, apontando para a abertura da experiência educativa.

Gadamer (2000) afirma que só através do diálogo é possível aprender. No seio da hermenêutica a educação pressupõe dois sujeitos, imersos em um diálogo, dispostos a aprender um com o outro, assim, o processo de educar só se realiza por meio da linguagem, do diálogo.

Para Gadamer, o diálogo

[...] é aquilo que deixou uma marca. O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo. [...] O diálogo possui uma força transformadora. Onde um diálogo teve êxito ficou algo para nós e em nós que nos transformou. (GADAMER, 2015, p. 247).

É importante termos claro que o diálogo não é um procedimento metodológico, mas se organiza no cerne do ato educativo, no sentido de uma constante confrontação do sujeito consigo mesmo, com as suas próprias opiniões e crenças, ou seja, o diálogo conduz à abertura dos próprios horizontes.

O diálogo humano implica uma relação de sujeitos que partilham a linguagem, com a possibilidade da escuta, pois sem ela o diálogo não se efetiva. No diálogo percebe-se que os saberes não são absolutos, nesse sentido é que a presença do diálogo autêntico surge tão importante no processo educativo, pois além de favorecer vínculos mais fraternos, conduz à compreensão do horizonte existencial do outro.

A linguagem nos possibilita desenvolver e realizar grandes descobertas com a intenção de que possamos estabelecer determinados combinados (acerto de perspectivas, intersubjetividade), os quais poderão ser ressignificados e transformados em conhecimento. Cabe destacar que “combinado” é apenas uma expressão para indicar o que chamaríamos de estabelecimento de percepções intersubjetivas. E tendo posse deste conhecimento, faremos



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

um mundo comum, o qual, nas palavras de Arendt (2002, p. 65) “[...] é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para traz quando morremos”.

Com essa afirmação, entende-se que nos movemos no seio de um mundo já existente, anterior a nós, e que continuará existindo após a nossa passagem por ele. O mais importante de tudo é que possamos fazer parte deste mundo, deixando nossa marca, sempre em uma perspectiva de entendimento e aprendizagem, nos diferentes espaços onde nos encontramos e nos relacionamos produzindo cultura e deixando “marcas” humanas.

A escola, entre outros, é um destes espaços. É no chão da escola, por seu caráter educativo e na convivência e experiências estabelecidas entre os sujeitos que dela fazem parte, que a aprendizagem será desenvolvida sob a forma de construções intersubjetivas, os referidos “combinados”.

Exemplificando, o professor propõe um jogo e cada educando propõe uma regra e o conjunto das regras propostas deverá ser cumprido para que os participantes não sejam eliminados da competição. Começa a valer o “combinado”, uma ideia articuladora dos comportamentos, algo como uma cumplicidade em torno de alguma regra, de alguma combinação, de algum entendimento. Quando um dos educandos fez o movimento de pensar a sua regra, ele exerceu um pensamento subjetivo, isto é, próprio de seu entendimento. E no momento em que todos concordar seguem as regras propostas passa a valer o que podemos chamar de intersubjetividades. Daí a expressão: “objetividade como intersubjetividade”.

Pensando que não é somente na escola que os combinados são estabelecidos, podemos compreendê-los como “um campo de atuação que transcende o espaço de atuação profissional da escola e da sala de aula para abarcar também as outras instituições em que se realizam atividades educativas ou que demandam um sentido pedagógico em seu fazer” (BOUFLEUER, 1991, p.77). Em nosso entendimento, estas outras instituições são aquelas nas quais os sujeitos se encontram e confrontam com diferentes realidades. A partir deste encontro, em uma negociação de sentidos, poderão produzir o que chamamos de objetivações.

A linguagem é um dos elementos dos quais os sujeitos se apropriam para produzir essa negociação de sentidos. “Na comunicação linguística nós pressupomos uma série de condições que operam como forças de ligação que articulam as ações dos interlocutores, como a inteligibilidade, a verdade, a veracidade e a correção” (HABERMAS, 1990, p. 76-



82). Se somente pensarmos a respeito de um fato e não o transformar em palavras esse pensamento nada muda, nada produz, não acontece o entendimento.

Deste modo, enquanto docentes compreendemos que o ato de educar requer que atentamos para essas “forças de ligação” enunciadas por Habermas. O conhecimento, por parte das gerações anteriores, deve ser apresentado às novas e poderá ser produzido com os ajustes necessários de acordo com cada realidade e tempo histórico. É essa a tarefa da educação: produzir um mundo comum mediante um acerto de perspectivas, haja vista que este comum não está dado, pois humanos já não pautam suas vidas tão somente em instintos, os quais, nas demais espécies animais, garantem o modo de vida coletiva.

Considerações finais

Pensando a educação para além da esfera técnico-científica, decorrente da racionalidade moderno-instrumental, e contrapondo-se ao cientificismo, podemos compreender que o processo educativo não concebe o outro como um objeto, pois por meio da linguagem os educandos vivem uma experiência ímpar a partir de seu horizonte interpretativo. Ao concebermos a linguagem como característica fundamental à condição humana também podemos concluir que a educação só pode ser efetivada por meio da mesma, a qual é criadora de um horizonte que não pode ser objetivado e que possui interpretações ilimitadas.

Por meio do diálogo espera-se que educador e educando saiam diferente de como entraram, pois no contato com o outro e com suas diferentes visões de mundo emerge a possibilidade de alargamento de horizontes. O diálogo produtivo nos faz ver as coisas de maneira diferente e sob novas perspectivas, trazendo à tona nossos conceitos que, logo em seguida, passam a assumir a forma de pré-conceitos.

Referências

ARENT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BOUFLEUER, José Pedro. A especificidade da educação escolar nas sociedades republicanas e democráticas. In: **Revista de Educación**, nº 29, vol. 2, jul./dic, 2019, p. 293-305. Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil, Argentina

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia latino-americana**: Freire e Dussel. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.



GADAMER, Hans-Georg. **La educación es educarse**. Barcelona: Paidós, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Revisão da tradução de Enio Paulo Giachini. 15. ed. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento Pós-Metafísico**: estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

Palavras-chave: Diálogo. Educação. Escola. Formação. Humano.